

Thatcher avisa que País já suspendeu pagamento

HERMANO ALVES
Nosso correspondente

LONDRES — A senhora Margaret Thatcher foi a primeira chefe de governo a oficializar, em comunicação ao Parlamento, o fato de que o Brasil não pagará um título britânico que vencerá no próximo dia 31. Um "livro branco", que é um esclarecimento antecipado que o governo dá ao Parlamento — em recesso para as férias de verão — chegou a Westminster no fim da tarde de anteontem.

O governo Thatcher informa que o Tesouro fica a descoberto no total de 47 milhões de dólares (31 milhões de libras esterlinas), correspondente ao que restava da parte britânica num empréstimo de 1,1 bilhão de dólares concedido ao Brasil por um grupo de nações do Clube de Paris e que foi avalizado pelo Banco de Pagamentos Internacionais.

O governo britânico esclarece ao Parlamento que o empréstimo antecipado (**bridge-loan**) a curto prazo, até que o Brasil chegasse a um acordo com o Fundo Monetário Internacional, devia ser pago em três prestações, até fins de agosto, mas desde maio não há sinal de cobertura. Diante disso, indicando a sua confiança em que o FMI restabelecerá o crédito do Brasil (quando for aprovado o Decreto-Lei nº 2.045), o governo Thatcher evitou declarar publicamente a insolvência do governo brasileiro.

O novo governador do Banco da Inglaterra, Robin Leigh-Pemberton, representará o país na reunião do Banco de Pagamentos Internacionais, marcada para o dia 11 de setembro, em que o problema do Brasil é o primeiro da pauta.

Não foi por mera coincidência que o governo Thatcher decidiu publicar o **white paper** na hora em que Carlos Langoni, presidente do Banco Central, se encontrava em Nova York com os dirigentes dos bancos credores do Brasil.

"MAU PAGADOR"

Depois do recente episódio de Bruxelas, em que a senhora Thatcher classificou o Brasil de "mau pagador que deveria sofrer uma forma qualquer de punição" (um vazamento habilmente feito e desmentido

com uma certa relutância, mas logo reiterado por fontes oficiosas), ficou clara a posição de firmeza do governo britânico.

Se o ministro do Planejamento do Brasil, Antonio Delfim Netto, tivesse vindo a Londres, passaria pelo dissabor de ver a sua visita coincidir com a publicação **dowhite paper**. Desse modo, o governo Thatcher preferiu esclarecer um parlamento em férias na hora em que o presidente João Figueiredo reassume a chefia do governo brasileiro, no momento em que se iniciavam negociações em **Wall Street** e depois de um novo pronunciamento de Fritz Leutwiller, presidente do Banco de Pagamentos Internacionais, recomendando severidade para com os países devedores do chamado Terceiro Mundo, a propósito do Brasil e outros mais.

BANQUEIROS IRRITADOS

O jornal **Financial Times** diz que os membros do Clube de Paris ficaram irritados e preocupados com a declaração unilateral do Brasil ("não se trata de moratória" — diria Delfim Netto) de suspensão dos pagamentos nos empréstimos de governo a governo.

Uma vez que as negociações não tiveram até agora um caráter político (esperava-se uma iniciativa do presidente Figueiredo junto ao governo dos Estados Unidos, mas esta não se concretizou e a diplomacia continua desmobilizada, apesar de ser a dívida o maior problema da política externa brasileira), a tecnoburocracia da economia e finanças **pode ter condições para obter soluções imediatistas**, desde que o Fundo Monetário, em outubro, dê o "sinal verde" pedido por Delfim a Jacques de Larosière.

Há ceticismo em Londres quanto à hipótese de o diretor-gerente do FMI dar logo a autorização para os bancos restabelecerem o crédito internacional do Brasil, uma vez que ele próprio teria de estar coberto pelas aprovações norte-americana, alemã, britânica, francesa e japonesa, e ainda contar com a garantia de que o Congresso dos Estados Unidos assegurará a própria liquidez do Fundo — o que deverá (ou não) ocorrer em outubro — com os novos recursos de emergência propostos pelo presidente Ronald Reagan.